

Retrato de um ato abominável

» LUIZ CALCAGNO
» MARYNA LACERDA

Duas pessoas por dia sofreram estupros entre janeiro e fevereiro deste ano no Distrito Federal. Foram 120 entre o 1º e 59º dia de 2014, sendo que pouco mais da metade dessas vítimas é de crianças e adolescentes. Ainda segundo as estatísticas, mulheres são a grande maioria dos alvos, e Ceilândia é a região administrativa campeã em ocorrências. Os números são da Secretaria de Segurança Pública do DF (SSP-DF) e refletem, segundo especialistas, apenas parte da realidade desse tipo de violência (veja arte). O medo de represálias, a vergonha ou a convivência com a barbárie mantém no anonimato um número muito maior de casos. De acordo com a socióloga do colegiado de gestão do Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFemea) de Brasília, Nina Madsen, a quantidade poderia ser multiplicada por 10, para se aproximar de um medidor mais fiel.

A especialista explica que apenas 10% dos crimes chegam ao conhecimento da polícia. Outro dado da pesquisa é que a maioria dos algozes são pessoas que mantêm vínculos com as vítimas. Na visão de Nina, o levantamento estatístico da segurança pública está coerente com o estudo divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em 27 de março, em que mais da metade dos 3.810 entrevistados **culpabilizam mulheres** por casos de estupro, em razão da vestimenta e da forma de se comportar. “As mulheres têm conquistado espaço, mas ainda vivem em uma sociedade profundamente machista e violenta, onde faltam dados oficiais de agressões e políticas de enfrentamento e prevenção. Falta vontade política para mudar essa mentalidade”, explica.

De acordo com o titular da Promotoria de Direitos Humanos do Ministério Público do DF e Territórios (MPDFT), Thiago Perobom, o estupro de crianças e adolescentes, ou de vulnerável — como é conhecido judicialmente — é um crime diferente da violência contra uma vítima com mais de 14 anos. No entanto, ele explica, ambas estão diretamente ligadas à cultura do machismo. “A maioria das vítimas são do sexo feminino e dos agressores, do sexo masculino. Essa é apenas uma forma de violência contra a mulher, entre várias. Por exemplo, mais de 80% dos homicídios contra mulheres acontecem pelo companheiro ou pelo ex. Elas também têm maior propensão a sofrerem roubo e estupro no espaço público. Tornam-se culpadas por afrontar os estereótipos machistas”, afirma.

Perobom lembra que a maioria dos crimes sexuais são contra crianças e adolescentes. Segundo a legislação brasileira, a partir dos 14 anos, se consentida, a relação sexual deixa de ser crime, a menos que o autor ofereça dinheiro ou vantagem pelo ato. Nesse último caso, novamente, configura-se o estupro. “Normalmente, o agressor é uma pessoa próxima, que tem relação de intimidade com a criança ou a adolescente. Também existem casos dentro de instituições religiosas, em escolas e vans escolares, além do crime praticado via internet. A sociedade tem que se reconhecer como agente de combate a esse crime.



Crime recorrente

Confira as estatísticas de violência sexual no Distrito Federal em janeiro e em fevereiro deste ano:

Janeiro

61 ocorrências de estupro com **67** vítimas

Por cidade: Ceilândia, Planaltina, Recanto das Emas, São Sebastião e Gama concentram **59%** dos casos.

Local do crime: **76,1%** na residência da vítima ou do autor; e **17,9%** em locais públicos.

Vínculo entre agressor e vítima: **77,6%** dos casos.

Estupro de vulnerável: **53,7%** dos casos, sendo que **42,5%** acontecem com crianças entre 9 e 13 anos. Já as vítimas de até 17 anos representam **62,7%** dos total de casos.

Por sexo: **88,1%** das vítimas são do sexo feminino, e **11,9%** do masculino.

Data de registro: **41%** dos casos foram registrados no mesmo dia e **11,5%** das vítimas só tiveram coragem de registrar a agressão 1 ano após o ocorrido.

Fonte: Secretaria de Segurança Pública

Fevereiro

50 ocorrências de estupro com **53** vítimas

Por cidade: Ceilândia, Gama, Samambaia, Taguatinga e Brasília concentram **48%** dos casos.

Local do crime: **58,5%** na residência da vítima ou do autor; e **26,4%** em locais públicos.

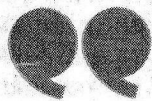
Vínculo entre agressor e vítima: **69,8%** dos casos.

Estupro de vulnerável: **58,5%** dos casos, sendo **32,1%** violações contra crianças entre 4 e 8 anos. As vítimas de até 17 anos correspondem a **69,8%** do total de episódios.

Por sexo: **92,5%** das vítimas são do sexo feminino, e **7,5%** do masculino.

Data de registro: **50%** dos casos foram registrados no mesmo dia e **6%** das vítimas só tiveram coragem de registrar a agressão 1 ano após o ocorrido.

Pacífico/CB/D.A Press



Eu percebi que ela estava mais revoltada, mais triste e fui avisada das fugas das aulas, mas achei que era algo da idade. Não era. Minha filha foi estuprada e fiquei sabendo disso quando o Conselho Tutelar me chamou na escola e me avisou”

Elizângela*, babá

Caminhos para denunciar

Canais telefônicos e unidades de atendimento recebem denúncias de violações físicas e sexuais contra mulheres, crianças e adolescentes. Veja:

Disque 100: o Disque Denúncia Nacional de Violências contra Crianças e Adolescentes funciona das 8h às 22h, todos os dias, para acolher relatos de crimes. A ligação é gratuita.

Disque 197: canal de comunicação entre a comunidade e a Polícia Civil, no qual é possível informar casos de violência doméstica, conjugal, abuso e estupro.

Conselhos Tutelares: as unidades regionais recebem denúncias de crimes contra crianças e adolescentes sofridos dentro e fora de casa.

SaferNet: a página www.safernet.org.br/site/denunciar recolhe denúncias sobre violações, principalmente as relacionadas à pedofilia e à pornografia infantil.

Movimento na internet

Os resultados alarmantes da pesquisa do Ipea motivaram internautas a realizarem o protesto on-line intitulado “Eu não mereço ser estuprada”. A proposta é que apoiadores — mulheres e homens — se fotografem da cintura para cima segurando um cartaz com as hashtags #EuNãoMereçoSerEstuprada e #NinguémMerece. O movimento já tem a adesão de 45,2 mil pessoas e foi organizado pela jornalista Nana Queiroz. Ela e alguns participantes chegaram a receber ameaças via internet. A polícia monitora os agressores.

Qualquer pessoa tem que se ver como corresponsável e denunciar. Procurar a Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), a Delegacia Da mulher ou o Disque 100 da Presidência da República”, recomenda.

Marcas

O abuso sexual e o estupro exigem delicada investigação, de acordo com o delegado adjunto da DPCA, Rogério Borges Cunha. “É um crime que acontece entre quatro paredes e muito raramente deixa vestígio, uma vez que apalpar, acariciar e realizar atos masturbatórios não deixam marcas visíveis. Além disso, muitas

vezes envolve vítimas que ainda não sabem se manifestar, que ainda acabam entendendo que o abuso é uma forma de carinho, porque ele é praticado por quem tem a função de protegê-la”, destaca. Por isso, é tão importante que os pais ou responsáveis fiquem atentos à mudança de comportamento. “Se a criança se mostra mais triste, retraída, pode ser indício de violência sexual. O importante é acreditar no que ela diz”, salienta.

O choro constante e as fugas da escola foram os sinais que a filha de Elizângela* externou quando passou a ser abusada pelo padrinho, dentro da casa do homem. “Eu percebi que ela estava

mais revoltada, mais triste e fui avisada das fugas das aulas, mas achei que era algo da idade. Não era. Minha filha foi estuprada e fiquei sabendo disso quando o Conselho Tutelar me chamou na escola e me avisou”, lembra. A mãe trabalha como babá, na Asa Sul, e havia pedido para os compadres para que a menina, de 10 anos, ficasse na casa deles, durante o dia. “No fim da tarde, eu a buscava. Achei que a estava protegendo, mas acabei colocando-a perto do inimigo”, lamenta.

Depois da denúncia feita, a mãe descobriu que, não bastasse o estupro, a garota ainda era explorada pela madrinha. “Além de tudo, era obrigada a fazer os

Suspeito se entrega

Três dias depois da morte de Miguel Estrêla, 2 anos, o suspeito de ter espancado e abusado sexualmente da criança se entregou, na noite de ontem, na 38ª Delegacia de Polícia, em Vicente Pires. O professor de jiu-jitsu Daryell Dickson Menezes Xavier, 25 anos, estava foragido desde que Miguel não resistiu ao traumatismo craniano e morreu, no sábado pela manhã. Ontem, pouco antes da prisão do suspeito, a mãe do garoto rompeu o silêncio. Em um depoimento emocionado em seu perfil em uma rede social, Gabrielle Estrêla, 23, remonta os tempos de gravidez e de quando conheceu o ex-marido. Veja abaixo o relato de Gabrielle:

» Depoimento

“Clamo por justiça”

“Um dia, Deus me escolheu para enviar um anjo à terra, me concedeu o Miguel! Durante nove meses, eu aguardei ansiosa pela sua chegada, seu nascimento foi a melhor coisa que me aconteceu na vida! (...) Nosso amor era além da realidade, uma criança especial, carinhosa, feliz, sempre sorrindo, educada, inteligente, muito saudável e com um brilho que todos admiravam. E, um dia, conheci um homem, uma pessoa maravilhosa, eu me apaixonei perdidamente por ele (...) Ele me ofereceu uma vida de amor e alegria, eu peguei o filho desse homem para criar e o amei como se fosse do meu sangue. Nós éramos uma família feliz, humilde, mas não nos faltava nada, eu entreguei minha vida e a do meu filho pra esse homem cuidar, eu acreditei no amor e na bondade dele. (...) Esse homem, um dia, apenas por crueldade (...) Ele matou meu filho, ele machucou tanto meu filho até a morte, e já quase sem vida ele me ajudou a levar meu filho ao hospital e lá meu príncipe ficou entre a vida e a morte lutando por três dias. Foram os piores dias de minha vida. (...) Eu só peço por justiça, para que não existam mais vítimas nessa história, encontrem esse demônio! Daryell Dickson Menezes Xavier assassinou meu pequeno Miguel Estrêla Massena (...) Nada ameniza minha dor, mas eu clamo por justiça humana!”

Gabrielle Estrêla, mãe de Miguel

serviços domésticos”, continua. A preocupação de Elizângela é de que o agressor tenha feito outras vítimas. “O que minha filha e eu estamos passando eu não desejo a ninguém. Esse homem precisa ser parado, porque ele é motorista de uma van escolar que faz o trajeto Asa Sul-Lago Sul, e a esposa é dona de uma creche, no Guarã 2. Parece que ele procura sempre estar em contato com crianças. Não gosto nem de pensar que ele pode fazer isso de propósito, para violentar outras pessoas”, destaca a mulher.

***Nome fictício em respeito ao Estatuto da Criança e do Adolescente**